



comício do PMDB no Núcleo  
Bandeirante encheu a praça de torcidas, simpatizantes e cabos  
eleitorais. Sobravam candidatos e bandeiras mas...

# O povo não foi

A coligação do Movimento Democrático de Brasília-MDB, a única a deter uma tecnologia de comícios no Distrito Federal, deu ontem à noite mais uma demonstração de que sabe encher uma praça de faixas, cartazes e de torcidas organizadas, mas não descobriu ainda o modo de trazer povo.

As 16 horas, com o sol muito quente, em regime de pontualidade nada brasileira, começou o grande festival de discursos, todos, sem muita variação, defendendo a luta contra a inflação, soluções para falta de moradias, de segurança, de escolas e de transportes.

A cada intervalo entre os oradores, a apresentadora do comício pedia menos entusiasmo das torcidas organizadas em frente ao palanque, para não prejudicar o trabalho de filmagem para a televisão.

Como um político tradicional desavisado numa cidadezinha perdida do interior, Augusto Carvalho, candidato a deputado federal pelo PCB, seria o autor da maior gafe do dia. Iniciou seu discurso saudando os companheiros e companheiras do Gama. Minutos depois é que, "soprado" por um assessor, corrigiu seu erro, saudando os companheiros do Núcleo Bandeirante.

Em cálculos muito otimistas, o comício, em seu momento de pique, foi visto por três mil pessoas, mas seria muito difícil contar mais de 500 que não estivessem vestindo uma camiseta de candidato, distribuindo santinhos e cartazes ou segurando faixas.

Mas para os poucos não envolvidos diretamente na campanha o comício até que é um espetáculo legal. Sereno, professor, que não quis revelar seu nome, gaúcho há 18 anos em Brasília, diz ter sido atraído pelo movimento. No seu caso pessoal, comício não ajuda na escolha de candidatos. Na sua opinião, comício pode influir nos menos esclarecidos e no caso dos indecisos.

José Cesário de Barros, auxiliar de serviço médico, mo-

rador do Guará, viu o comício na sua cidade satélite. Gostou e veio ver também o do Núcleo Bandeirante. Acha que os candidatos falando, expondo suas idéias, ajudam muito o eleitor a decidir. No caso dele, ainda não definiu seus candidatos e está analisando muito, porque julga muito importante, neste momento, votar bem.

Maria Penha, dona de casa e estudante, veio também atraída pelo movimento. A seu ver, os discursos e a apresentação dos candidatos contribuem para uma melhor decisão. Mas decisão quanto a seu voto ela ainda não tem. João de Deus vai de acordo com a empatia, o modo de falar e as idéias expostas pelos candidatos que informam melhor o eleitor e podem tirar muitos indecisos de cima do muro. Da mesma opinião é o comerciante Pereira Valença, da Metropolitana. Diz que o comício ajuda a decidir, mas ele próprio não tomou decisão nenhuma sobre em quem votar.

Fora dos espaços ocupados pelas torcidas organizadas, junto ao palanque, o comício funciona como uma festa do interior. Vendedores de maçã do amor, de picolé, refrigerantes, laranjas. Mas é também o espaço para a atuação de marginais. Um grupo trazido do Gama, pelo candidato Eustáquio Santos, do PS, num ônibus da Anapolina, se divertia em roubar objetos, agredir o povo com pedaços de cano de PVC. A atitude gratuita e violenta provocou sérias reações nas equipes de segurança de Meira Filho, Joselito Correia, Lindberg Cury, que procuraram se armar de pedaços de paus e de ferro para enfrentá-los. Não faltou até quem dissesse que os violentos rapazes do Gama tinham sido contratados pelo Partido da Frente Liberal para tumultuar o comício. O certo, porém, é que se houvesse policiamento ostensivo tais incidentes seriam mais difíceis de acontecer. Numa das refregas, um garoto, Guilherme, de sete anos, tomou algumas bordoadas e saiu ferido, mas se recusou a procurar assistência médica ou a Polícia.